

26/9/345

Ainda o valor do Trabalho

Dissemos, no nosso último artigo, qual era o valor do trabalho, isto é, um *valor humano*, que não podia ser medido nem pago por qualquer outro valor que não seja da mesma natureza. A remuneração do Trabalho, feita exclusivamente em salário, era, portanto, uma paga incompleta. Enquanto o trabalhador, o empregado, o funcionário não receberem mais do que salário ou ordenado pela colaboração humana que estão dando à entidade patronal ou ao serviço público, a sua posição permanecerá sempre esta: dão mais, muito mais do que recebem.

Dai o motivo pelo qual o simples aumento de salários ou a melhoria das condições do trabalho nunca deixam satisfeitos os assalariados ou empregados. A sua insatisfação fundamenta-se nesta incapacidade que têm os valores materiais para lhes dar o equivalente daquilo que fornecem com o seu trabalho.

Carlos Marx viu o problema. Mas, agarrado ao seu «materialismo histórico», não o soube ver como contida. Porque não deu ao trabalho outro valor que não fosse material, construiu uma doutrina, logo destruída pela ciência, na qual considerou o trabalho apenas sob o seu aspecto económico. Dai o erro da sua doutrina e das suas conclusões.

Vale a pena, no entanto, examinar a doutrina de Marx.

Marx partiu do princípio de que o único valor era o trabalho. As mercadorias valem o trabalho nelas incorporado. O próprio trabalho é uma mercadoria. Vale, portanto, no seu justo valor, o trabalho que, em si, tem incorporado. Como?

Assim como uma máquina qualquer, para produzir, necessita de combustível, assim o trabalho também precisa de «combustível». Um operário, para poder trabalhar tem de se alimentar, de se vestir, calçar, etc. Ora a alimentação do operário foi produzida com trabalho. O seu valor é, portanto, o trabalho que ela custou a quem a produziu. O operário, desde que receba um salário suficiente para se alimentar e permanecer em condições de poder continuar a trabalhar, recebe a justa paga do seu trabalho, isto é, o justo valor do trabalho.

E nada teria nem a queixar-se, nem a reclamar, nem sequer a pretender modificar a organização económica, se o trabalho, ao contrário de todos os outros valores, não tivesse a particularidade de produzir mais do que aquilo que vale ou consome. Mas, porque tem esta particularidade, o operário fornece a quem lhe aluga ou compra a força de trabalho, um *sobre trabalho*, que vem a redundar numa *mais valia* económica para o empresário.

Um exemplo explicará melhor. Supunhamos que a riqueza incorporada no trabalho teve o valor de cinco horas de trabalho, que se dá a alimentação, vestuário, etc. equivalem a cinco horas de trabalho. O operário, com este «combustível» diário no valor de cinco horas de trabalho, está em condições de trabalhar, não só as mesmas cinco horas, mas oito ou dez. E é, de facto, o que acontece. O empresário paga-lhe o justo valor da força de trabalho, mas o operário dá-lhe em troca, um excesso de trabalho. Estas horas suplementares constituem o lucro do empresário. O operário, portanto, está a dar mais

O único remédio que encontrou para remediar o mal era a socialização de todas as empresas, porque assim, dizia ele, a *mais valia* fornecida pelo trabalho, deixaria de beneficiar indivíduos, para passar a beneficiar a colectividade. Na sua teoria, o operário viria a lucrar, mas só indirectamente.

A tese marxista está ultra-destruída pela ciência. São falsos os princípios de que partiu, é falso o raciocínio que seguiu, é falsa a conclusão a que chegou. No entanto, o seu grito continua a ser destruído. Não haverá nisto um fenómeno de obsessão colectiva? Como se compreende que se agarrem a um cadáver — tal é a doutrina marxista — como a uma tábua de salvação?

A explicação encontra-se apenas nesta verdade, encaixada na montanha de erros do marxismo, de que o operário está a dar ao empresário mais do que dele recebe.

Embora, por vezes, seja exacto acontecer isto mesmo só no aspecto material, a verdade é, contudo, outra. De facto, dá mais do que recebe, mas não em valor material, porque muitas vezes o operário não produz economicamente mais do que o valor material do seu salário.

Mas fornece um valor diferente que não tem equivalência económica. Quere dizer, o operário não pode ser pago apenas com salário.

Esse *mais* que ele dá, e de que não recebe compensação, constitui, no fundo, o nó do problema social. Desatado ele, tudo se torna claro, como água limpa da fonte.

A questão social não se resolve, portanto, só com aumentos de salário. É da remuneração do trabalho que se trata, efectivamente. Mas não duma simples remuneração material.

O trabalho é um valor humano. Paga-se com valores humanos. É só quando isto acontecer é que se entrou no caminho da paz social.

Num próximo artigo tentaremos estudar qual deve ser a remuneração humana do trabalho.

ABEL VARZIM